

# FORMULAÇÕES VISUAIS DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO: O CASO DE UM PROTESTO DO GRUPO FEMEN PUBLICADO NO PORTAL *LE MONDE* \*

Emanuel Angelo Nascimento – IEL/ UNICAMP

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar as formulações visuais de um acontecimento discursivo, considerando o caso de um protesto do grupo Femen publicado no portal de notícias do jornal francês *Le Monde*. Nosso aporte teórico e analítico se desdobra a partir da perspectiva do materialismo-histórico da Análise do Discurso de linha francesa, por meio da qual buscamos analisar os movimentos de sentido no que diz respeito às diferentes relações entre corpo, memória, protesto e discurso. Para tanto, levamos em conta um conjunto de imagens de um protesto de uma militante do grupo Femen, que interrompeu uma conferência de imprensa da candidata à presidência da França, Marine Le Pen, em fevereiro de 2017, em Paris. Lançamos olhar sobre essa materialidade visual a fim de observar como os sentidos em torno desse acontecimento se colocam nas fronteiras entre a evidência e a opacidade, bem como nas fronteiras com o social, o político, o simbólico, o ideológico e o histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formulações visuais. Protesto. Femen. Corpo. Discurso.

## INTRODUÇÃO

Considerando os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, as análises mobilizadas neste trabalho se desenrolam sob a perspectiva do materialismo-histórico de base pècheutiana, tal qual realizada por Orlandi (1995) e Lagazzi (2014). A partir dessa perspectiva, buscamos observar os movimentos dos sentidos no que diz respeito às diferentes relações entre corpo, memória, discurso e protesto. Para tanto, levamos em conta um conjunto de imagens de um protesto de uma militante do grupo Femen, que interrompeu uma conferência de imprensa da candidata à presidência da França, Marine Le Pen, em 23 de fevereiro de 2017, em Paris.

A discursividade dos protestos é um importante ponto de entrada no percurso analítico aqui proposto. Nesse sentido, nosso intuito é o de analisar uma cena prototípica de protesto em torno das ações do grupo Femen, de origem Ucrainiana e fundado em 2008, em Kiev por Anna Hutsol. Procuramos colocar em evidência as reflexões feitas por Pêcheux (1982), quando o autor traz à baila uma importante questão: « abstrações como “o povo”, “as massas”, “o proletariado”, “a luta de classes” podem ser mostradas (pintadas, filmadas ou televisionadas) enquanto conceito, sem disfarces? »<sup>1</sup> (PÊCHEUX, 1982, p. 54).

A imagem, nesse sentido, funciona como um dispositivo, bem como um “operador da memória social” (PECHEUX, 1984). Diante disto, é imprescindível destacar que o percurso analítico deste trabalho é afetado pelos efeitos de sentidos demandados pela leitura das imagens que constituem

---

\* XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 – <http://evidosol.textolivre.org>

<sup>1</sup> Tradução para o português de José Horta Nunes, a partir do original em francês: “*des abstractions comme « le peuple », « les masses », « le prolétariat », « la lutte des classes » peuvent-elles être montrées (peintes, filmées ou télévisées) à l'état de concept, sans travestissement?*”.

o material de análise e pelos caminhos de interpretação que mobilizam deslocamentos de significações a partir de um corpo que resiste enquanto corpo atravessado pelo discurso, pela ideologia e pela história.

## 1 FORMULAÇÕES VISUAIS DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Uma vez que pretendemos analisar as formulações visuais sobre a materialidade significativa do corpo por meio de um gesto de interpretação de imagens entrelaçadas aos discursos que constituem determinados protestos políticos e sociais, considerando algumas condições de produção, a exemplo do espectro da câmera jornalística que filtra e apaga outros sentidos, consideramos importante trabalhar, por exemplo, com conceitos tais como o de deslinearização da imagem” e de “formulação visual” associados à noção de “composição material”, proposta por Suzy Lagazzi <sup>2</sup>, principalmente, quando a autora insiste no investimento analítico sobre “as formulações visuais do corpo que se desdobram em diferentes imagens do sujeito e nos mostram a importância da remissão do intradiscurso ao interdiscurso para compreender a textualização das imagens” (LAGAZZI, 2014b, p. 111).

Examinando alguns recortes de imagem, extraídos de filmes e documentários, a autora sublinha a importância de se discutir a questão do corpo no social, observando os sentidos em torno da imagem nos processos de metáforização metonímica, a fim de melhor compreender os trajetos de memória e de discursivização do corpo. Tomando as palavras de Eni Orlandi, que em seus trabalhos engendra um olhar atento aos discursos manifestos na rua e nos espaços públicos, “trata-se de compreender como os discursos se textualizam neste espaço de interpretação” (ORLANDI, 2001, p. 117). Assim, o objeto de análise – que aqui se refere ao caso de um protesto mobilizado por uma manifestante do grupo Femen que recentemente, em Paris, interrompeu uma conferência de imprensa da candidata presidencial Marine Le Pen – trata-se de um *acontecimento discursivo*, que, de acordo com as reflexões de Pêcheux (1983), pode ser entendido como um ponto de encontro entre a atualidade e a memória.

## 2 CORPO, DISCURSO E PROTESTO

Neste trabalho em específico, as imagens analisadas demandam diferentes sentidos na/pela relação entre corpo e discurso enquanto forças de luta e resistência. E no coletivo heterogêneo e comum estes corpos em protesto se encontram com outros corpos em combate. Assim, é no interdiscurso que estes corpos se constituem pela/na corporalidade como suporte discursivo e ideológico. Do mesmo modo, a partir de uma perspectiva de sociedade operante enquanto coletivo é que este corpo:

[...] decorre dos processos de socialização que determinam os grupos humanos, assegurando com certa coerência a ideia de institucionalização e de forma inversa sendo percebido como fonte de um possível deslocamento do sentimento de identidade [...] social (HAROCHE; GUGLIELMI, 2005, p. 5).

---

<sup>2</sup> No capítulo “Metáforizações metonímicas do social”, do livro “Linguagem, sociedade, políticas” (2014), Suzy Lagazzi propõe um investimento analítico na *deslinearização da imagem*, entre outros objetivos, também com o de compreender o acontecimento simbólico do corpo discursivizando o social.

A partir disto – sobretudo considerando a análise de algumas cenas prototípicas de protestos que faremos a seguir – é importante levar em conta uma certa perspectiva sociológica do corpo, tal como propõe David Le Breton, que reflete que “o corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (LE BRETON, 1992, p. 29).

Observando o histórico dos protestos organizados pelo(a)s militantes do grupo Femen, compreende-se o movimento deste espírito de corpo colocado nas fronteiras desse coletivo ideológico e discursivo. Não por acaso, o grupo Femen se tornou internacionalmente conhecido por organizar diversos protestos de militantes femini(n)t/as *seins nus* (com os seios expostos) acompanhados de inscrições no próprio corpo no intuito de defender os direitos das mulheres – bem como outros temas como o da democracia e o da prostituição, além de questões como o da influência religiosa na sociedade, inicialmente na Ucrânia pós-soviética, estendendo-se para o contexto europeu contemporâneo de forma geral.

Os protestos desse grupo nos dias atuais, nesse sentido, podem ser observados seja pelo viés da histórica, seja pelo viés sociológica, bem como na/pela perspectiva discursiva, enquanto uma manifestação coletiva constituída por diferentes corpos atravessados pela memória e pela ideologia que se coloca(m) nas fronteiras entre o político e do social.

E nesse entendimento que aqui compreendemos esse corpo coletivo enquanto suporte do discurso, levando em conta, sobretudo, os diferentes modos pelos quais a corporalidade é formulada, especialmente, as diferentes materialidades significantes do corpo. Corpo este atravessado por dizeres e imagens de si no confronto com o discurso do *outro*<sup>3</sup>.

### 3 PROTESTO FEMEN EM UMA CONFERENCIA DE IMPRENSA DE LE PEN

No coletivo « comum e heterogêneo » as formulações visuais do corpo se encontram com outros corpos no combate. Corpo e discurso se revelam, nesse caso, como movimento de resistência e de luta (social, política, militante e simbólica). Esse movimento se coloca, assim, nas fronteiras dos corpos, dos espaços e da memória. E, considerando a questão da temporalidade e da espacialidade em uma perspectiva discursiva « a “memória” intervém, no entanto, para enquadrar implicitamente a situação no espaço »<sup>4</sup> (ACHARD, 1984, p. 236).

A memória discursiva, nesse sentido, deve ser compreendida em termos pêcheutianos « não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador »<sup>5</sup> (PÊCHEUX, 1984, p. 262).

---

<sup>3</sup> La matérialité du social interpellée par le discours d'*autre*, en ce sens, c'est ce que Pêcheux (1983) traitait comme l'insistance de l'autre en tant que loi des espaces sociaux et de la mémoire historique et politique.

<sup>4</sup> Tradução de José Horta Nunes, na edição brasileira de 1999 de “Papel da Memória”, a partir do original em francês « *la “mémoire” intervient cependant, pour cadrer implicitement la situation dans l'espace* » publicado, em 1984, no capítulo *Mémoire et production discursive du sens*, dos anais *Histoire et Linguistique* da mesa redonda « *Langage et Société* » organizada, em Paris, entre 28 e 30 de abril de 1983.

<sup>5</sup> No original em francês, publicado em 1984: « *non pas dans le sens directement psychologiste de “mémoire individuelle”, mais aux sens entrecroisés de la mémoire mythique, de la mémoire sociale inscrite dans des pratiques, et de la mémoire construite de l'historien* »

Tomemos como exemplo o caso em questão das imagens da ativista do grupo Femen, extraídas de um vídeo<sup>6</sup> incorporado na página do portal de notícias do *Le Monde*:

Figura 1: ativista Femen interrompe a conferência de imprensa de Le Pen



Fonte: lemonde.fr – politique, elections, élection présidentielle 2017

Geralmente, manifestações contra um sistema de poder, por exemplo, político, ditatorial, repressivo colocam em jogo diferentes forças em confronto. Essa relação, muitas vezes, é exposta pelas mídias em cenas marcadas pelo gesto do outro enquanto prática discursiva atravessa pelo conflito e demandada pelo simbólico nas fronteiras significantes de sua materialidade visual.

No fotograma em questão, a imagem da ativista Femen (cf. figura 1) convoca, desse modo, sentidos mobilizados no interdiscurso. Ao interromper a conferência de imprensa feita por Marine Le Pen, em 23 de fevereiro de 2017, em Paris, a ativista com os seios nus ergue o punho do braço direito, no momento em que grita em francês « Marine féministe fictive! » (Marine feminista fictícia) – como podemos observar na legenda da imagem. Gestos que se deslocam por meio de uma cena prototípica de protesto (neste caso, de forma crítica contra a campanha presidencial de Marine Le Pen à República da França). Protesto este que se coloca nas fronteiras entre o corpo e o espaço. Espaço ocupado pelo corpo e espaço do corpo. Espaços que se abrem para sentidos interpelados pelo gesto e pelo verbal. Sentidos também convocados nos/pelos dizeres inscritos no corpo da ativista exposto aos olhos do público. Considerando a imbricação entre os efeitos da materialidade verbal sobre o não-verbal (ORLANDI, 1995), esses modos de manifestação compreendem formulações tanto visuais quanto formulações materializadas pela discursividade do dizer.

Este acontecimento discursivo, marcado por um ato de protesto tendo como porta-voz uma militante do grupo Femen, ocorreu durante a conferência de imprensa intitulada « *La politique internationale de la France dans un monde multipolaire* »<sup>7</sup> diante de autoridades diplomáticas e jornalistas franceses. A militante foi retirada por membros do DPS (Département Protection Sécurité)<sup>8</sup> e, sem seguida, foi trancada em um quarto na sala de espera da polícia.

A partir do fotograma, a seguir, (cf. figura 2), observa-se uma imagem do momento em que a ativista é retirada por agentes do serviço de segurança da Frente Nacional (um partido político

<sup>6</sup> O vídeo está disponível em [http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2017/video/2017/02/23/une-femen-interrompt-une-conference-de-presse-de-marine-le-pen\\_5084547\\_4854003.html](http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2017/video/2017/02/23/une-femen-interrompt-une-conference-de-presse-de-marine-le-pen_5084547_4854003.html).

<sup>7</sup> Em português, « A política internacional da França em um mundo multipolar ».

<sup>8</sup> Departamento de Proteção e Segurança: trata-se de uma divisão de inteligência interna do partido da Frente Nacional francesa; foi criado, em 1985, pelo seu primeiro diretor, Roger Holeindre, a fim de monitorar manifestações ou comícios do partido.

francês de direita e de caráter protecionista, conservador e nacionalista, fundado, em 1972, com o intuito de unificar as várias correntes nacionalistas da época):

Figura 2: ativista Femen retirada por agentes de segurança da Frente Nacional



Fonte: lemonde.fr – politique, elections, élection présidentielle 2017

Pensando o acontecimento da estrutura nas composições visuais, tal como propõe Lagazzi (2014a), é possível observar, a partir dos fotogramas 1 e 2, como a formulação visual se desdobra em diferentes imagens do social. Metaforicamente, de acordo com a autora, ao se investir na análise de imagens, verifica-se como ela projeta no objeto em foco os sentidos recalcados em condensação – sendo assim, notamos, a partir dessas cenas, uma relação de alteridade pelo processo de deriva. Metonimicamente, ainda de acordo com Lagazzi (2014a), a imagem marca a falta no deslizamento dos sentidos pela reiteração do close do objeto em foco. Há, nesse espectro, um corpo que interrompe, que insurge em protesto e cuja imagem parafrásticamente desliza para outros sentidos convocados pela memória – e há o boicote desse corpo e desse protesto no social, ressaltado a tensão e o conflito nessa relação entre o intra e o interdiscurso. Os processos de identificação dos sujeitos se dão, nesse sentido, pelo entrecruzamento dos processos metafórico e metonímico.

É fundamental também apontar as diferentes posições ocupadas pelo sujeito, indicando sentidos interpelados pela memória e construídos socialmente. Tal como reflete Orlandi, « sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos) » (ORLANDI, 1992, p. 20).

Observamos, desse modo, também as posições ocupadas por corpos em protesto, compreendendo determinados ideais de luta – e, por outro lado, aquilo que em termos althusserianos é chamado de Aparelho de Estado, que, segundo o autor, « compreende dois corpos: o corpo das instituições que representam o Aparelho repressivo de Estado, por um lado, e o corpo das instituições que representam o corpo dos Aparelhos Ideológicos de Estado, por outro lado »<sup>9</sup> (ALTHUSSER, 1970, p. 25). Estes corpos, atravessados pela memória e pelo simbólico representado pelas forças sociais e políticas, são, assim, formulados discursiva e historicamente.

Pensando na materialidade do corpo, somos levados a considerar, também neste caso, a relação entre os corpos e os espaços de fronteira (política, social, entre outros), bem como as relações de alteridade, no confronto entre um *eu* e o *outro*. Estes corpos ocupam diferentes tipos de posição discursiva. Há o corpo em manifestação, que interrompe um acontecimento discursivo (uma conferência

<sup>9</sup> Tradução de Joaquim José de Moura Ramos, na edição brasileira de “Ideologia e Aparelhos Ideológico de Estado”, publicado pela Editorial Presença/Martins Fontes, em 1974, a partir do original em francês: « *L'Appareil d'État qui comprend deux corps: le corps des institutions qui représentent l'Appareil répressif d'État d'une part, et le corps des institutions qui représentent le corps des Appareils idéologiques d'État d'autre part* ».

política), deslocando-o para outro acontecimento discursivo (um ato de protesto) – e há o confronto desse corpo com outros corpos que, em nome da segurança interna do partido Frente Nacional, se deslocam como força de vigilância e punição. O entrecruzamento desses dois pólos coloca em jogo o confronto entre ideologias e posições discursivas diferentes, marcados por relações de tensão, de conflito e de resistência.

## CONCLUSÃO

No curso das análises feitas neste trabalho, procuramos mostrar o funcionamento discursivo das formulações visuais de um acontecimento discursivo, considerando o caso em particular de um protesto do grupo Femen.

É possível perceber, no entrelaçamento das imagens analisadas, os modos como os signos verbais e não-verbais não significam separadamente. Como consequência, a imagem e o acontecimento discursivo de um movimento de protesto, de luta e de resistência a uma dada ideologia política significam como um todo, a partir da relação entre a materialidade simbólica, histórica e discursiva, que convoca forças interpeladas pela ideologia.

Da mesma forma, este trabalho buscou mostrar o movimento dos sentidos em torno da materialidade significativa do corpo, na relação corpo-memória-discurso, a partir de imagens que circulam nos portais de notícias *on-line*, como no caso aqui analisado do portal do jornal francês *Le Monde*, na cobertura do protesto de uma militante do grupo Femen durante uma conferência de imprensa de Marine Le Pen, em fevereiro de 2017.

Assim, analisamos a imbricação entre os efeitos das materialidades verbal e não-verbal, a partir da discursividade do protesto, na corporalidade que se coloca nas fronteiras do gesto e do dizer – como observado pelas palavras « Marine féministe fictive! » inscritas sobre o corpo da manifestante. Este acontecimento simbólico e discursivo, que transcende as fronteiras do corpo e dos espaços por ele ocupado, se constitui como ruptura das formulações do sentido enquanto forma de negação do discurso político do *outro*. Sob diferentes formulações verbais e não-verbais, o dizer se coloca nas fronteiras do sentido, construído no intra e no interdiscurso. O corpo se coloca em jogo em uma cena prototípica de protesto, cuja composição visual marca limites intra e interdiscursivos sensíveis, importantes de serem analisados no processo de estruturação do conflito e da tensividade (d)(n)o social.

Neste sentido, os protestos organizados pelo grupo Femen, tal como este aqui analisado, se formulam em uma relação aberta entre « a estrutura e o acontecimento » (PÊCHEUX, 1983). Acontecimento este atravessado pela linguagem ocupando diferentes espaços de resistência, bem como diferentes corpos em protesto nas fronteiras entre o discurso, a ideologia e a história.

## REFERENCIAS

ACHARD, P. Mémoire et production discursive du sens. In: ACHARD, P.; GRUENAI, M. P.; JAULIN, D. (éds). *Histoire et Linguistique, Actes de la table ronde « Langage et Société »* Paris, 28-29-30 avril 1983, MSH, p. 235-241, 1984.

ALTHUSSER, L. Idéologie et appareils idéologiques d'État. *La Pensée*, n. 151, juin 1970.

HAROCHE, C.; GUGLIELMI, G. J. *Esprit de corps, démocratie et espace public*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

LAGAZZI, S. A deslinearização em diferentes materialidades significantes. In: XXIX Encontro Nacional da ANPOLL, GT de Análise do Discurso. Florianópolis: UFSC, 2014a.

\_\_\_\_\_. Metaforizações metonímicas do social. In: ORLANDI, E. (org.) *Linguagem, sociedade, políticas*. Campinas: RG Editores, p. 105-112, 2014b.

LE BRETON, D. *La sociologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rua*, Campinas, v.1, n.1, p. 35-47, 1995.

\_\_\_\_\_. La ville comme espace politique-symbolique. Des paroles désorganisées au récit urbain. *Langage et société*, n. 96, p. 105-127, 2001.

PÊCHEUX, M. Délimitations, retournements et déplacements. *L'Homme et la société*, v.63, n. 1, p. 53-69, 1982.

\_\_\_\_\_. *Le discours: structure ou événement?* Communication inédite à la Conférence « Marxism and the interpretation of culture: limits, frontiers, boundaries » Actes de l'Université de l'Illinois, Urbana-Champaign, 6-12 juillet 1983.

\_\_\_\_\_. Rôle de la mémoire. In: ACHARD, P.; GRUENAI, M. P.; JAULIN, D. (éds). *Histoire et Linguistique, Actes de la table ronde « Langage et Société »* Paris, 28-29-30 avril 1983, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, p. 261-267, 1984.